

OS ARTISTAS DO RINGUE: MEMÓRIAS DO *TELECATCH* CURITIBANO

DANIELLA DE ALENCAR PASSOS¹

daniapassos@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo apresenta as memórias de alguns sujeitos acerca do *Telecatch* na cidade de Curitiba. As narrativas dos agentes envolvidos com diversas lutas na capital paranaense narram suas lembranças e significados atribuídos a um movimento que obteve seu auge de popularidade nas décadas de 1960 e 70: o *Telecatch*. Pretende-se, assim, analisar como se manifestam as memórias de sujeitos envolvidos com a prática e consumo do *Telecatch* na cidade de Curitiba. Quem são esses sujeitos, quais suas memórias sobre o *Telecatch*, quais os significados que conferem às suas lembranças e se percebem alguma fissura ou nuance em relação ao esporte MMA (*Mixed Martial Arts*). Para tanto, recorreu-se ao conceito de memória de Maurice Halbwachs, David Lowenthal, Michael Pollak, Alessandro Portelli e Paul Thompson e aos procedimentos metodológicos da História Oral.

PALAVRAS-CHAVE:

Telecatch; História Oral; memória; *Mixed Martial Arts*.

INTRODUÇÃO

O *Telecatch* foi um dos principais pilares da cultura de massa televisiva. O auge de sua popularidade ocorreu nas décadas de 1960 e 70. Desde sua estreia em 1959 na TV Tupi, a luta livre brasileira foi transmitida pelas TVs Record, Bandeirantes, Cultura, Globo e Gazeta.²

Os eventos eram capazes de esgotar as bilheterias, lotando as arquibancadas. Os principais lutadores tinham estilos caricatos que lhes garantia muita fama pelas cidades. Os

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná – CEPELS/UFPR.

² Sobre *Telecatch* década de 1960 e 70 no país ver: <http://paranaonline.com.br/editoria/esportes/news/622331/?noticia=TELECATCH+RESISTE+E+SONHA+EM+VOLTAR+A+REUNIR+MULTIDOES>

golpes eram compostos por técnicas oriundas da Luta Livre, Judô e acrobacias próprias dignas de espetáculos de circo.

Para a formalização das experiências e suas repercussões, o presente estudo pauta-se na investigação a partir do conceito de memória, tal como alguns autores das Ciências Sociais e Humanas a tem caracterizado.

Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs a memória é uma construção ao mesmo tempo individual e social, onde o indivíduo tende a recordar aquilo que considera importante para seu grupo (HALBWACHS, 2006). Dessa forma, a ideia de pertencimento e de identidade a um determinado grupo pode gerar tensões entre grupos de interesses políticos/sociais distintos, uma vez que o direito de narrar a história é determinado pela memória que prevalece (POLLAK, 1992).

A partir dessa noção de uma memória que prevalece, busca-se compreender como as memórias dos sujeitos envolvidos com o *Telecatch* na cidade de Curitiba representam essas lembranças e significados acerca dessa prática? E mais especificamente, existem fissuras e/ou nuances nessas memórias? Quais os significados que esses sujeitos atribuem ao que rememoram? Existiria alguma relação entre o *Telecatch* e o *Mixed Martial Arts*³?

A partir desse conjunto de questões pretende-se analisar como se manifestam as memórias de sujeitos envolvidos com o *Telecatch* na cidade de Curitiba. Quem são esses sujeitos, quais suas memórias sobre o *Telecatch* na capital paranaense, quais os significados que conferem para as suas lembranças e se percebem alguma fissura ou nuance em relação ao esporte MMA (*Mixed Martial Arts*).

As técnicas metodológicas utilizadas foram as da História Oral e, como Verena Alberti (2005), acredita-se que a especificidade desta técnica vai além do ineditismo de angariar informações ou do preenchimento de lacunas deixadas pelos registros escritos. Ainda segundo

³ O *Mixed Marcial Arts* (MMA) é o termo que corresponde à denominação mais recente da prática corporal que em determinado momento ficou conhecida como *Vale-tudo*. Esta prática foi denominada assim porque qualquer atleta, de qualquer modalidade de luta, poderia lutar; e não, como o próprio termo sugere, que vale fazer de tudo durante a luta, ou seja, é completamente desregrada. Vale a ressalva de que a maioria das críticas dos meios de comunicação e também acadêmico em relação ao excesso de violência neste esporte se apoia na representação simbólica (negativa) que o termo Vale-tudo gera, mais do que em um estudo sistemático das suas regras e aplicações.

essa autora, a “[...] peculiaridade da história oral decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações sócio-culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 2005, p. 5).

A metodologia proposta não pretende fornecer, somente, informações sobre o passado, mas e, sobretudo buscar a subjetividade dos narradores na recuperação do vivido, segundo sua concepção (PORTELLI, 1997). Não é a memória por si só que interessa ao investigador, mas o indivíduo, o sujeito, o modo como ele negocia, ressignifica seu passado a fim de criar-se, de identificar-se:

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (PORTELLI, 1997, p. 15).

A História Oral ao valer-se da memória estabelece vínculos com a identidade individual e coletiva. Essa memória, segundo Le Goff (2003), conserva informações permitindo ao indivíduo atualizá-las e reinterpretá-las, salvando o passado, servindo para o presente e para o futuro. Importante salientar que a memória, com suas falhas, distorções e inversões, longe de representar um problema, constitui um elemento de análise.

É através da entrevista que a História Oral se materializa. Tomando em questão esse pressuposto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas não servem como mero ato de extrair informações, mas pretendeu-se abrir o espaço para a narração dos sujeitos e dessa forma sua voz será ouvida (THOMPSON, 1998).

A escolha dos entrevistados foi guiada pelos objetivos desta pesquisa, portanto convencionou-se selecionar os entrevistados dentre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema ora proposto e que possam fornecer depoimentos significativos. Já a prática de apreensão de narrativas foi realizada através de um gravador de voz digital da marca SONY, modelo IC RECORDER, destinado a recolher os testemunhos para, posteriormente, haverem as transcrições e

posteriormente análises dos processos sociais de modo a facilitar o conhecimento do meio imediato (ALBERTI, 2005).

Alberti acentua que a escolha dos entrevistados não deve ser orientada por critérios quantitativos, mas pela posição do entrevistado no grupo e pelo significado de sua experiência. Para a autora, o processo de escolha aproxima-se do que ocorre na sociologia em que os informantes não são tomados como comunidades estatísticas, mas como unidades qualitativas, em relação ao tema estudado (ALBERTI, 2005, p. 32). E esse sujeito que presta um relato não é a fonte. Podemos chamá-lo de depoente/entrevistado/relator. Essa pessoa é quem nos ajuda a construir o documento sonoro. A fonte, nesse caso, é a palavra que adquire um caráter documental, por estar convertida em documento sonoro gravado.

SUCESSO DE BILHETERIA E AUDIÊNCIA

“Era bonito, tinham golpes sensacionais. Tinha tesoura, tinha salto do anjo onde subia no canto do ringue e voava de costas.” (ROCHA,2012).

O ex lutador Ênio Rocha, relata quase visualizar novamente uma luta de *Telecatch* a sua frente, lembrando com empolgação alguns dos golpes que um lutador em sua melhor forma deveria oferecer ao público durante uma luta: “tesoura”, “salto de anjo”. Com técnicas acrobáticas de encher os olhos do público que misturavam luta, circo e teatro, o *Telecatch* tornou-se muito popular no país nos anos 1960 e 70.

Na década de 1970 as transmissões via satélite eram pouco comuns e as emissoras de TV apostavam em produções locais. O senhor de cabelos brancos e de fala tranquila, Bernardo Herculano Milléo conta que o Canal 12⁴ de Curitiba apresentava nos sábados à noite seu programa de *Telecatch*. As lutas eram narradas pela voz de Wilson Brustolin. Os juízes também eram representados em dois tipos: havia os “honestos” e os “ladrões” (MILLÉO, 2012).

⁴ Atual Rede Paranaense de Comunicações RPC, filiada da Rede Globo.

O mestre de Muay Thai⁵ Fábio Noguchi também recorda esse auge de popularidade: “[...] o programa *Telecatch* alcançou grande popularidade com índices de audiência marcantes no Canal 12, na Rua Emiliano Perneta e depois foi para o Castelo do Batel, quando a televisão se transferiu para lá” (NOGUCHI, 2012).

Foi montado um barracão que servia de estúdio e nos sábados à noite para as apresentações do *Telecatch* também foi montado um ringue profissional e foram erguidos dois lances de arquibancadas que eram rapidamente lotados. No final da tarde a fila se formava e o público ficava ali esperando varias horas até o programa começar (ROCHA, 2012).

Nesse espaço se apresentavam lutadores como Ted Boy Marino, Mister Argentina, Bala de Prata, Tigre Paraguaio, Big Boy, Verdugo, Fantomas, La Múmia, Jóia, o Psicodélico, Metralha, , Átila, El Russo, Brasão, Falcão, Sansão, Gladiador, Aquiles, entre outros lutadores e também os mediadores De Carlo, Santini, Barbosa, Jorge Pirata (ROCHA, 2012).

Aluno de Enio Rocha, Altair José de Oliveira, conhecido no mundo das lutas como Ben-hur, vivenciou uma fase do *Telecatch* na qual, com o sucesso na televisão, o espetáculo passou a circular por várias cidades paranaenses e mesmo para outros estados. O *Telecatch* produzido e apresentado em Curitiba pelo Canal 12 era retransmitido pela TV Gazeta de São Paulo. Circos, salões de sociedades, ginásios de esportes lotavam quando das apresentações. Havia os lutadores preferidos pelo público, os bonzinhos e os de mau caráter (OLIVEIRA, 2012).

Entre os bonzinhos estavam Bala de Prata, Mister Argentina, Brazão, Ted Boy Marino que eram ovacionados pela plateia. Em contra partida estavam Metralha, Joia, Falcão, Átila que eram os detestados, o mesmo acontecendo com os juízes Santini e Jorge Pirata, que sempre tendiam para os lutadores de mau caráter. O entusiasmo era tanto que, às vezes, componentes da plateia partiam para cima dos lutadores (OLIVEIRA, 2012).

⁵ Luta de origem Tailandesa que utiliza golpes do boxe, chutes, cotoveladas e joelhadas.

Essa constante contenda entre o bem e o mal, parece, era um dos pilares que assegurava o sucesso e a audiência do evento e a apresentação de dois tipos arquetípicos⁶: bonzinhos e maus caráter. Esta era a tônica do evento.

Senhoras jogavam sapatos, outras procuravam atingi-los com diversos objetos. Nas cidades do interior, muitas vezes a saída do local ficava complicada diante da reação de certos torcedores, como narra o ex lutador Ben-hur:

No circo Aurea uma vez, o Joia estava lutando com o Alex, o Ovelha do cabelão branco. Estão lutando os dois e lá tinha um senhorzinho que achava que o *Telecatch* era uma coisa que a gente olhava no olho dele e ele vibrava. Um senhorzinho bem velhinho mesmo e ele ficava gritando o nome do Joia, ele adorava o Joia e dizem que todo lugar que tinha luta e que o Joia ia lutar esse velhinho estava lá. E de repente no vai e vem da luta o Alex jogou o Joia pra fora do ringue e para dentro de volta e fechou ele, então o juiz veio e terminou a luta. Esse senhor arrancou uma garrucha e atirou no Alex falando "ninguém bate no meu amigo" e subiu em cima do ringue. Tiveram que segurar ele, e não conseguiram colocar na cabeça dele que aquilo ali era artístico: "no meu amigo Joia ninguém bate", e foi correndo atrás do Alex. O Alex entrou no mato e ficou escondido (OLIVEIRA,2012).

ATOR OU LUTADOR? ESPETÁCULO OU COMBATE?

As lembranças de alguns entrevistados sobre essa fase de sucesso do *Telecatch* é, em geral, relacionada com o aspecto das lutas serem combinadas:

Aqui tinha o pessoal que fazia *Telecatch*, uma modalidade criada nos Estados Unidos pelo pessoal de luta livre, que é uma coisa bem combinada e que alguns deles faziam também no interior, em circos (MENEZES, 2012).

O *Telecatch* quando começou era encenação, era meio uma armação de pessoas profissionais da área (NOGUCHI, 2012)

Não era uma luta verdadeira, era uma luta de sensacionalismo onde a gente entrava no ringue já sabendo quem ia ganhar. Era o mocinho sempre que ganhava, dificilmente o bandido que ganhava. Algumas vezes o bandido ganhava (ROCHA, 2012).

⁶ Experiência ou um padrão de experiência, básica, comum a toda a humanidade, ou seja, reflete certas constantes universais da experiência humana.

Os relatos demonstram que, apesar desses sujeitos reconhecerem o *Telecatch* como lutas ou apresentações combinadas ou encenadas, o modo e os significados dessas narrativas podem ser divergentes. Tão importante, ou talvez mais importante, do que se diz, é porque se diz. Uma possível aproximação pode ser feita a partir das falas dos entrevistados que ao se referirem ao *Telecatch* utilizarem termos como armação, combinação, encenação, sensacionalismo, deslegitimam a pretensão de firmar essa prática como esporte ou luta.

A fala “coisa bem combinada” do mestre de capoeira Antonio Carlos de Menezes, o Burguês, fundador da academia Muzenza afasta a prática do *Telecatch* de um aspecto fundamental do esporte: a imprevisibilidade.

Na fala do ex-lutador Enio Rocha “algumas vezes o bandido ganhava” evidencia que existia alguma abertura quanto à combinação prévia dos resultados das apresentações e que por ser uma “luta artística” o que comandava era a vontade do público e não dos lutadores: “geralmente a gente vai mais pelo público, o público pede. Tanto é que o Ted Boy Marino nunca perdeu luta porque o público estava do lado dele”, ressalta Ben-hur que ainda realiza apresentações de *Telecatch* em festas em cidades pequenas.

Apesar do formato teatral com “heróis” de um lado e “vilões” de outro, descritos pelos próprios representantes da modalidade, alguns praticantes e simpatizantes do *Telecatch* garantem que não era “marmelada” e muitas lutas não eram combinadas. Essa memória coletiva do *Telecatch* buscou mostrar em muitas falas que existia um certo grau de imprevisibilidade e autonomia.

Os lutadores de *Telecatch* precisavam mostrar que não eram “lutadores de mentira” e que uma possível combinação ou não de resultado por conta do público não diminuísse o prestígio dos atores/lutadores de *Telecatch*:

Mas aquele pessoal pra fazer o *Telecatch* era tudo lutadores verdadeiros que tinham condições de fazer o Vale-tudo normalmente, mas ali era uma demonstração [...] na televisão era uma demonstração de técnicas de agilidade e entrava o talento da pessoa que era ator pra fazer com que fosse verdadeiro (ROCHA, 2012).

Ser “verdadeiro” em uma apresentação, para o ex lutador Ênio Rocha tinha íntima ligação com determinado grau de violência demonstrado nos embates do *Telecatch*. Em 1969 o coronel Aloysio Muhlethaler, Chefe do Serviço de Censura da Polícia Federal, proibiu a exibição de *Telecatch* na televisão antes das 23 horas, justamente por considerar que havia um excesso de violência em algumas lutas em decorrência de sangramentos (voluntários ou não). Sobre isso Enio narra com detalhes uma de suas últimas lutas e como fazia ficar “mais verdadeiro”:

Muitas vezes havia muito sangue no ringue. Uma das últimas lutas que eu fiz aqui em Curitiba no SBT foi em 1984, lutei com o Aquiles aqui, onde no segundo round tiraram o Paulo Pimentel da cama e vieram pra parar a luta. No segundo round nós já tínhamos lavado o ringue de sangue e não era uma luta verdadeira, nós eramos atores, lutador e ator, nós tínhamos o poder de fazer as coisas, tirar sangue um do outro sem ser verdadeiro. Pra fazer isso você teria que, por exemplo, começar a lutar, então você batia, começava a bater na cabeça, na testa, então o sangue fica agitado e quando era pra fazer uma luta já com sangue, já saía do camarim com uma gilete, uma giletezinha enrolada num esparadrapo só na pontinha, então ele chegava e colocava no *corner* do ringue. E começava a bater, e se começa a bater na testa agita o sangue e qualquer piquezinho o sangue jorra e daí pegava dava uma gravata nele e levava pro canto, fazia que batia, batia e daí pegava aquele negocinho, o próprio segundo dava aquele negocinho na mão e ele só dava um tiquezinho assim e daí o sangue começava a jorrar. Então como eu disse, não era violento, mas nós fazíamos, passávamos uma imagem de violência, porque era sangue, era brutalidade, era golpe baixo, chute baixo, que a gente não atingia aonde o pessoal pensava que atingia, não, nós batia do lado, mas quem recebia, que também era ator, quando batia ele registrava o golpe em outro lugar então passava a ser violência, passava a ser violento, passava uma imagem assim as crianças que não era boa também. Então o *Telecatch*, apesar de não ser uma luta verdadeira, teve muito publico, passava muito violência (ROCHA, 2012).

Essa noção de violência explícita contida na fala do ex lutador com as expressões “tirar sangue um do outro”, “era brutalidade”, “era golpe baixo” dão a entender que essas artimanhas por parte dos lutadores/atores era uma forma de garantir o sucesso de suas apresentações e conseqüentemente ter seu trabalho reconhecido.

Contudo, com o passar dos anos o estigma de “marmelada” passou a ser bastante incômodo para alguns praticantes e sempre que tinham oportunidade se propunham a defender a honra da modalidade: “no *Telecatch* a pessoa fala assim em marmelada, em

combinar, mas não tem” (OLIVEIRA, 2012). O ex lutador Altair de Oliveira conta um episódio onde teve que argumentar com um repórter acerca da polêmica:

Até teve um repórter da TV de Uberaba que chegou depois e falou “mas o pessoal fala tanto que é marmelada” e eu disse então você chama essa pessoa que disse que é marmelada que eu vou pergunta pra ele: o meu ringue ele tem um metro de altura, ai eu tava lutando com o Paulo Zanetti ele tinha 2,12m. Ele pega uma pessoa e levanta em cima da cabeça, Paulo Zanetti com 2,12m essa pessoa ta a 1 metro do chão mais 2,12m do Paulo Zanetti. O Paulo arremessa a pessoa de costas numa quadra de esportes, onde que ta a marmelada nisso? E ele disse “puxa é mesmo então nem percebi isso”, então se existir marmelada nisso aqui, vai ver se o cara consegue fazer uma marmelada ali? Então não existe, não é marmelada, o *Telecatch* é uma luta artística aonde a pessoa que vai fazer ela tem que ta preparada (OLIVEIRA, 2012).

Para o ex-lutador combinar não significava falsear. Altair dá destaque para a noção de uma luta artística justamente por reconhecer que o objetivo das lutas não era ganhar ou perder, mas ser ator, impressionar o público.

***TELECATCH* UM EMBRIÃO DO MMA?**

O MMA que quer dizer Mixed Martial Arts (Mistura de Artes Marciais) tornou-se, nos últimos tempos, uma verdadeira febre mundial e uma das mais lucrativas indústrias no mundo dos esportes.⁷ Mesmo no âmbito nacional com o aparecimento de eventos, com o aumento do espaço em canais de televisão, a quantidade de academias e lutadores demonstram o sucesso do *Mixed Martial Arts* no país.

Assim como no *Telecatch*, no MMA a busca passa a ser pelo melhor atleta/lutador e não por uma modalidade específica. Agora esse atleta/lutador passa a treinar diversas modalidades a fim de ser “o mais completo” dentro do mundo das lutas. Portanto é comum

⁷ Alguns números do UFC Rio 2011 ver: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1707201111.htm>. Sobre dados das apostas do UFC ver: <http://www.entrecoisas.com.br/2012/08/cassino-da-porrada-o-lucrativo-mundo.html>. Entrevista com americano Lorenzo Fertitta, sócio da UFC ver: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0999/noticias/pancadaria-lucrativa>

ver um atleta de *Mixed Martial Arts* utilizar técnicas corporais originárias de diversas modalidades de lutas, tais como o Jiu-Jítsu, Judô, Boxe, Muai Thay, luta Greco-romana, Karatê, Kung fu, dentre outras, numa mesma luta.

Sobre uma possível relação do *Telecatch* com o *Mixed Martial Arts* alguns entrevistados se mostraram bastante céticos e outros nem tanto. Mas o que distanciaria tanto o *Telecatch* do atual *Mixed Martial Arts*? Se a resposta apontar para a inquestionável competitividade que o MMA apresenta e que suas disputas impedem qualquer tipo de combinação ou armação confirmando que a imprevisibilidade é um aspecto estruturante do esporte, as memórias narradas por alguns representantes não só do *Telecatch*, mas de outras modalidades também, apontam para fases diferentes vividas pelo *Telecatch* e que, nem sempre, as lutas foram combinadas. Inclusive, o itinerário dessas memórias demonstrou que o notório sucesso dos lutadores do *Telecatch* chamou tamanha atenção de outras modalidades que ocorreram desafios com lutas “valendo tudo”. O mestre de Muay Thai Fábio Noguchi mais respeitados da capital paranaense e do país associa o início do Vale-tudo na cidade precisamente com esses desafios *Telecatch versus* outras modalidades:

Se a gente parar e analisar o Vale-tudo vem dessa época aí, que já tinha o *Telecatch* na televisão. O pessoal assistia bastante o *Telecatch* que passava na televisão. [...] O *Telecatch* fazia muito sucesso e tinha o Metralha, o Ted Boy Marino. E esses caras que lutavam, o Pirata, são daqui de Curitiba, são famosos, isso foi na década de 70. Então na década de 70 o pessoal assistia o *Telecatch*, passava na televisão, você pega as imagens e vê o primeiro Vale-tudo. Era Vale-tudo mesmo, Vale-tudo na mão limpa. [...] mas eu acho que o Vale-tudo começou aí, porque era um Vale-tudo, valia tudo, era na mão limpa, o cara do Kung Fu até passou óleo no corpo que eu lembro e o cara arremessou ele de cabeça pra baixo assim e acabou a luta, mas eu acho que o Vale-tudo começou aí” (NOGUCHI, 2012).

As opiniões se dividem quanto a uma possível ligação do *Telecatch* com o que aconteceu com o Vale-tudo/*Mixed Martial Arts* em seus primórdios e atualmente. A fala do *announcer*⁸ Francisco Joly demonstra justamente esse conflito:

Eu assistia muito *Telecatch*, que não tem nada a ver, não é? Todo mundo pergunta. O *Telecatch* talvez tenha sido o embrião do MMA... (JOLY, 2012).

⁸ Correspondente a locutor, aquela pessoa responsável por apresentar o evento, os lutadores, patrocinadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias de um indivíduo podem apresentar um caráter semelhante, convergente, ou totalmente divergente em relação a outras e uma lição aprendida é a de que nenhuma narrativa ou prática de saber se dá no vazio, que todo saber é situado e contextualizado, não apenas no aqui e agora e no imediato, mas enraizado no contexto histórico de hoje e de ontem, a que remonta, dando sentido às práticas atuais. O que implica dizer que o saber e os aprendizados não são apenas situados, mas sempre coletivos e compartilhados.

Os sujeitos que se dispuseram a dividir suas lembranças acerca do *Telecatch* na cidade de Curitiba acabaram narrando memórias e histórias riquíssimas que o papel nunca dará conta de revelar. O passado de fato gera sentimentos diversos nas pessoas. Ouviu-se algumas coisas bastante pessoais, algum choro foi dividido, mas muitos risos e sorrisos também. Então foi possível perceber que o passado só existe porque o presente o recorda. Como escreve Lowenthal: “Assim como somos produtos do passado, também o passado conhecido é um artefato nosso” (1998, p. 113). A relação entre o que se lembra e a forma como se pensa no presente, fazem do passado algo que vive entre o que aconteceu e a forma como hoje se vê o acontecimento. Reviver o passado é impossível. A arte de relembrar produz o efeito de reescrever ou reler os acontecimentos vividos. Os entrevistados no ato de lembrar fatos cotidianos de suas vidas produzem representações sobre o passado coletivo e individual. No efetivo exercício da memória, o ato de rememorar encontra um conjunto de intenções.

Se o *Telecatch* era de fato uma luta, um esporte, uma apresentação circense, teatral, espetáculo, marmelada, tudo isso ou nada disso, nunca saber-se-á e nem é uma necessidade. O que se sabe é que esse movimento foi notório e fez parte da cultura popular brasileira e merece ser encarado como fenômeno social e cultural. A memória é multivocal e os

personagens que participaram dessa prática mostraram-se ricas fontes para estudos de cunho histórico e social e suas vozes devem ser ouvidas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Manual de História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto História, São Paulo, n.17, nov.1998, p.63- 201. [tradução de capítulo do livro The past is a foreign country]

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos. n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, A. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: Projeto história, 1997. THOMPSON, P. A voz do passado – História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.